

Projeto para o estudo sobre a temática da violência em Lacan

Rosa Jeni Matz

Parto da proposição aristotélica na *Metafísica*: “o ser se diz de muitas maneiras”, portanto diversos modos possíveis de entender o ser, e a aproximação do dizer sobre a violência na obra de Lacan, pois encontramos pontos cruciais que sugerem a violência em sua obra, inclusive com outros nomes, assim como o ser, que se apresenta como substância, acidente, categoria, ente, etc. Aristóteles faz uma distinção entre os movimentos naturais e os movimentos violentos. Uma pedra que cai de um telhado, realiza o movimento de ir para baixo, o que é natural. Mas, ao se lançar uma pedra com a mão o movimento se torna violento. O movimento violento tem a característica de constituir obstáculo ao movimento natural, embora haja retorno gradual para o natural.

A violência surge em ações executadas por homens em relações interpessoais e sociais. Ao se constituir um grupo humano, e também o Estado, o fenômeno da violência se manifesta como exercício do poder. José Luis Aranguren distingue poder e violência. Na implantação de qualquer regime o poder é visto como violência. Mas, logo depois há uma legitimação do regime político que se estabeleceu, e a violência primária desaparece, sendo que o poder legítimo se considera purificado da violência. Embora não haja desaparecimento total da violência, ela surge como consolidada pela Lei (*enforcement* da Lei) (MORA, 2001, 3024).

Partindo das várias manifestações do ser, e considerando a violência como uma das manifestações do ser, organizo a violência em Lacan em três modalidades:

Pelo *Simbólico*: o significante mata a Coisa, o significante Nome-do-Pai faz barreira ao gozo, à relação incestuosa entre a criança e a mãe, instituindo o desejo reprimido, inconsciente, que se situa em relação à lei, expressando o “forçamento” da linguagem no processo de constituição do sujeito, no momento da alienação do sujeito ao significante, ao Outro. É o ato da violência inicial, acontecimento freudiano do mito da horda primitiva, onde ocorre a morte do excesso de gozo do Outro.

Em *A ética da Psicanálise* (1959-1960), Lacan traz a afirmação de que *a Coisa*, do real primordial, *padece do significante*, sofre do significante. A Coisa é barrada, dando origem ao objeto *a*, resto de gozo, objeto para sempre perdido (LACAN, 1991, 149). No momento em que o sujeito é

atravessado pela linguagem, há a presença de um ato de violência, que poderíamos denominar de estrutural, podendo-o aproximar inclusive ao comentário acima de Aranguren. Depois, observamos desdobramentos deste ato em vários conceitos lacanianos como metáfora paterna, complexo edípico.

Pelo *Imaginário*: a *agressividade* no estágio do espelho, resposta própria da criança no processo de formação do seu eu.

Lacan se refere ao *complexo de intrusão* que é vivenciado pela criança quando se reconhece entre irmãos. O ciúme (*jalousie*) infantil é observado neste período, e Lacan se remete à citação de Santo Agostinho da visão amarga de uma criança ao observar o irmão amamentado do seio materno. A estrutura do ciúme infantil está na origem da sociabilidade. O ciúme representa uma identificação mental e não uma rivalidade vital. Entre crianças de seis meses a dois anos, entre os pares e sem o terceiro, surge uma espécie de comunicação, com aparência de rivalidade, através de posturas e gestos em alternância, com provocações e respostas, onde se delineia o reconhecimento do rival. Cada parceiro confunde a pátria do outro com a sua e se identifica com o outro. Nesse estágio a identificação específica é baseada no sentimento do outro imaginário. *Na situação fraterna primitiva a agressividade é secundária à identificação.*

O surgimento do ciúme devido à amamentação, apresentado por Santo Agostinho, deve ter uma interpretação cuidadosa, pois esta cena de completude imaginária, onde o sujeito que a observa se vê excluído, já que anteriormente viveu esta completude e uma identificação imaginária se deu, pode se apresentar em outro momento de vida do sujeito, quando não está mais em concorrência com o irmão naquela idade inicial. A agressividade que poderíamos considerar positiva naquele momento se torna no segundo momento fixação, cristalizando-se numa identificação com o outro, objeto da violência. Lacan situa no mal-estar do desmame humano a origem do desejo de morte, sendo o masoquismo primário o momento dialético onde o sujeito através dos seus atos lúdicos (*fort-da*), “controla” esse mal-estar, e assim o sublima. O sujeito triunfa sobre o desmame que sofreu. A identificação citada acima se refere ao estágio do espelho, situado entre seis e dezoito meses, onde a criança adquire na relação com outro, antecipadamente, devido a prematuridade da motricidade voluntária, uma imagem completa do seu corpo.

Lacan assinala no Seminário I, *Os escritos técnicos de Freud*, 1954, que estaríamos na civilização do ódio, onde a via da destruição está delineada. No diedro construído por Lacan sobre as paixões do ser, o ódio se situa na aresta do imaginário e do real, faltando a palavra, podendo gerar

violência. Quando o outro frustra o sujeito do seu ideal, ferindo a sua imagem narcísica, surge o ódio, conduzindo a destruição do outro. Na dimensão imaginária o ódio surge como a face da destruição do outro, a denegação do outro. Presenciamos a violência dominando o imaginário mundial. O imaginário vai ao encontro do real, faltando abertura para a realização do ser na palavra. O dom não acontece, portanto o imergir do simbólico.

Pelo *Real*: O Gozo do Outro, sem barreira, ilimitado, máximo, local do incesto impossível e do saber impossível, presente em vários perversos assassinos, em grupos políticos autoritários, como o nazismo, e também através de uma catástrofe não cabível na trama simbólica do sujeito, a Natureza como o Outro que goza do sujeito tocando em seu desamparo, ou pela invasão de uma bala perdida, objeto *a*, resto de gozo, mais-valia do discurso do capitalista, portanto toda violência. O supereu em sua face cruel, feroz, tirânica, cego, dentro da cultura da pulsão de morte, busca o encontro do gozo absoluto, sentença irresistível do id de violar o limite da lei moral da proibição do incesto, embora não saiba que nunca atingirá o gozo pleno. Como Lacan afirma o supereu é o imperativo do gozo, ordenando ao sujeito: “Goza!”. O sujeito pressionado pelo gozo desse supereu realiza atos de violência contra ele mesmo ou contra o outro, como algumas formas de suicídio, um assassinato, ou a guerra. Este supereu pode se apresentar como uma vociferação parental, uma voz não simbolizada, ignorada pela lei, que pode se reduzir a um pedaço de voz errática, objeto *a*, produzido por foraclusão, já que o som falado foi foracluído da cadeia dos significantes, da cadeia simbólica da linguagem. O supereu tirânico se identifica a uma figura feroz, violenta, figura ligada ao traumatismo primitivo que a criança sofreu, e abre uma hiância no imaginário, pela foraclusão dos efeitos da palavra. Portanto, violência real e imaginária, afastada do simbólico.

Bibliografia

- Aranguren, JL. *El futuro de la Universidad y otras polemicas*, 1973.
- Ferrater Mora, J. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.
- Lacan, J. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Lacan, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Lacan, J. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- Nasio, J.-D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.